

Chen Bilan*
Barbara Funes**

Resumo:

Em 1925, a jovem classe operária chinesa se lança ao combate: foi uma das batalhas mais heróicas e sangrentas do proletariado mundial. Chen Bilan foi uma das bravas revolucionárias que lutaram pela emancipação do proletariado. Nestas páginas, tentamos reconstruir o decorrer de seus dias de pequenos triunfos e grandes derrotas, e também parte da história da Oposição de Esquerda, que tinha como pano de fundo a opressão milenar das mulheres chinesas. Este artigo, apresentado em versão reduzida, é parte do livro *“Lutadoras. Histórias das mulheres que fizeram história”*, publicado em 2009, pelas Edições ISKRA.

Palavras-chave: Chen Bilan, Revolução Chinesa, Gênero

Abstract:

In 1925, the young chinese working class initiated the struggle: it was one of the most heroic and tragic battles of the world proletariat. Chen Bilan was one of the brave revolutionaries that fought for the working class emancipation and against the millenary oppression that the chinese women suffered. In these pages, we tried to rebuild her small victories and great defeats, as well as her role as part of the Left Opposition history. This article is a reduced version of the book *“Lutadoras. História de mulheres que fizeram história”*, published by Edições ISKRA in march 2009.

Keywords: Chen Bilan, Chinese Revolution, Gender

* O artigo original, que integra o livro *“Lutadoras. Histórias de mulheres que fizeram história”* foi publicado com o título *“Pen Pi Lan”*, outra versão do nome Chen Bilan.

**Pesquisadora do Centro de Estudos, Pesquisas e Publicações Leon Trotsky (CEIP), da Argentina.

O movimento de libertação feminino chinês surgiu como uma luta de emancipação das tradições feudais e como parte da revolução nacional. Muitas mulheres tornaram-se revolucionárias e se converteram em líderes como resultado de suas experiências na luta.¹

Há centenas de anos, existia um enorme e belo país governado por um príncipe chamado Li Yu². Como todos os aristocratas, ele tinha uma esposa e inúmeras concubinas. Porém, sua preferida era Yaoning, uma jovem a quem obrigava a dançar imitando a imagem de uma flor de lótus. Para poder satisfazer o seu senhor e reproduzir a graça desta flor, a esposa e as concubinas dobraram os frescos pés de Yaoning e seus dedos até que tocassem as plantas. A jovem chorava de dor, mas nada podia fazer: os desejos de Li Yu eram ordens e não os cumprir significaria ser penalizada com a morte. As mulheres vendaram seus pés dia após dia, ano após ano, para que não crescessem e Yaoning pudesse dançar como a flor de lótus balançada ao vento. Esta tortura se aplicou desde então na China às mulheres de todas as classes sociais. As mães dobravam os pés de suas filhas, provocando sua atrofia e o processo de venda durava até os quinze anos. Esta operação tornava as jovens um fetiche e um objeto de amor. Depois do casamento, os pés entevados constituíam uma prova clara da capacidade de sofrimento e obediência das mulheres.

O poder político na China, desde a sociedade escravista em diante, estava estreitamente ligado ao controle das mulheres, que não podiam exercer direito de propriedade alguma, nem tinham poder de decisão independente em nenhuma questão que afetava a família ou o clã. Uma mulher estava subordinada por toda a vida aos seus pais, aos pais de seu

¹ “Women in the Chinese Revolution” (As Mulheres na Revolução Chinesa), entrevista realizada por Caroline Lund com Chen Bilan.

² Li Yu (937-980), segundo rei da dinastia Tang, que governou grande parte do território que hoje conforma a China, implicava um enfrentamento radical com as classes dominantes.

esposo, ao seu esposo e ao seu filho. Os matrimônios eram arranjados pelos chefes das famílias sem intervenção nem do homem nem da mulher na decisão. Após o arranjo, a família do noivo pagava um dote à família da noiva pelo custo de tê-la sustentado até o momento do casamento.

Estes elementos mostram definitivamente que a opressão às mulheres na sociedade chinesa era um dos problemas estruturais do país. Colocar em questão as condições de vida delas implicava um enfrentamento radical com as classes dominantes. Por isso, desde cedo o movimento de mulheres na China esteve estreitamente ligado com o movimento revolucionário.

A Luta contra a opressão ganha as ruas das cidades chinesas

Houve batalhões especiais de mulheres no exército de Taiping durante as rebeliões de 1851 e 1864 e também entre os Boxers durante a rebelião de 1900. As mulheres também foram parte do Movimento Reformista de 1898, exigindo, entre outras coisas, o direito à educação e a deixar de vendarem seus pés. As reformas propostas por Sun Yat-Sen³, líder da nascente burguesia atraíram numerosas mulheres. Entre elas se destacou, como pioneira, Chiu Jaen.

Chiu vinha de uma família de funcionários, e seu esposo, escolhido para ela pelo seu pai quando tinha apenas dezoito anos, era um mandarim, funcionário civil ou militar da China imperial. Depois de aprender com seu esposo sobre os ideais democráticos, Chiu divorciou-se e viajou ao Japão para estudar. Em 1905, regressou à China, uniu-se ao partido de Sun Yat-sen e participou da primeira revolução contra a dinastia Manchú. Durante esse período, Chiu publicou uma revista de mulheres, na qual defendia a

³ Sun Yat-Sen (1868-1925), fundador do movimento nacionalista chinês. Em 1894, criou a Associação para a Ressurreição da China, que se converte na “Liga da União” e, posteriormente, no Kuomintang (1912). Presidente da República Chinesa depois da Primeira Revolução, até que o futuro ditador Yuan Shi kai o obriga a se retirar e marchar ao desterro. Em 1921, ocupou a presidência do governo de Cantão.

⁴ Quando uma mulher enviuvava, não podia voltar a se casar, ao contrário, se um homem enviuvava, podia fazê-lo. Além disso, se os homens não estavam adaptados com a esposa que sua família havia comprado, poderiam tomar outras esposas ou concubinas. Porém, se as mulheres não estavam adaptadas com seus esposos, deviam resignar-se, pois não podiam fazer nada a respeito sem se enfrentar com a sociedade.

igualdade de direitos, a liberação dos pés das jovens, a liberdade das mulheres para escolher o esposo e a abolição da “castidade unilateral”⁴.

Atacaram as missões religiosas estrangeiras, os chineses convertidos e cercaram as delegações estrangeiras. A resposta dos imperialismos ocidentais foi a intervenção militar direta. O imperador negou armas aos Boxers e assim foram massacrados pelas potências européias. Nas palavras de Peng Shuzhi (1990: 10), o movimento Boxer “foi um movimento antiimperialista de libertação nacional, lançado pelas massas camponesas por pressão extrema dos distintos imperialismos”.

A Primeira revolução chinesa: das sufragistas às comunistas

A história moderna da China começa com uma revolução burguesa falida. Cai o último imperador da dinastia Manchú, mas a oligarquia financeira e a burguesia nacional demonstram mais uma vez que preferem ser pequenos parasitas dos capitais estrangeiros antes que ser desbordados e eventualmente dominados pelas massas populares. A unidade territorial da China é fragmentada entre os senhores da guerra com poder territorial e a instauração de um governo nacionalista nas zonas costeiras do sul. As potências imperialistas estavam atrás desta fragmentação. Japão, Inglaterra, França e em menor medida EUA disputavam entre si o domínio do país durante o decurso da Primeira Guerra Mundial. A China havia delegado, nas empresas estrangeiras, numerosos direitos sobre sua soberania. As tropas imperialistas tinham liberdade de movimento e permanência para resguardar suas propriedades. Isto implicava na renúncia à soberania sobre os portos e meios de transporte por parte da China. A dependência que prendia a nação aos capitais estrangeiros levou o dirigente nacionalista Sun Yat-sen a afirmar que a China era lacaia de todas as nações. A independência nacional e a revolução agrária, uma necessidade vital para os milhões de camponeses pobres, ficaram irresolutas. A unidade nacional era um troféu a conquistar.

Batalhões de mulheres foram organizados durante a revolução de 1911, cujas demandas eram o direito à educação para as mulheres, direito a

“ter amigos” para escolher livremente com quem se casar e a participação no governo. Depois do estabelecimento da República em 1912, surgiu um novo movimento: o feminismo militante. As mulheres não apenas participavam dos levantamentos populares, mas decidiram fazer uma organização própria para lutar por suas demandas, nitidamente influenciadas pelas sufragistas ocidentais.

Este movimento deu-se centralmente nas cidades. Sua militância alcançou certo desenvolvimento quando algumas feministas e suas seguidoras invadiram o parlamento da república, em 1913, destroçando janelas e insultando vários guardas, recriando as ações realizadas antes pelas sufragistas inglesas. O movimento de libertação feminino chinês começou a existir verdadeiramente em torno de 1916. Foi influenciado por uma revista chamada *Nova Juventude*, publicada por Chen Duxiu (1879-1942), grande professor e inspirador do movimento 4 de maio de 1919 e um dos fundadores da Oposição de Esquerda Chinesa, que seria um dos fundadores do Partido Comunista Chinês (PCCh). Esta revista propunha ideais democrático-radicais contra as tradições do feudalismo. Destacou muito a questão da emancipação das mulheres.

Com o levantamento das massas conhecido como “Movimento 4 de Maio”, uma onda de democracia percorreu o país. Todos os problemas da emancipação das mulheres foram entusiasticamente discutidos em muitas das novas revistas. Formou-se uma coordenação entre os grupos feministas para planejar o curso das ações no movimento. Participava o *Shanghai Social Club* pelo sufrágio feminino, a Sociedade de Mulheres, a Aliança Feminina, a Organização de Mulheres pela Paz e a Sociedade de Cidadãos; elaboraram listas de objetivos que seriam adotados durante a manifestação de 4 de maio de 1919. A emancipação das mulheres foi apoiada por toda a juventude deste movimento. Sob a influência da Revolução Russa, a maioria dos líderes do Movimento 4 de Maio logo se tornou socialistas e o movimento pela emancipação das mulheres começou a se combinar com o movimento socialista.

Em 1920, foi fundado o PCCh e muitas das jovens radicalizadas uniram-se a ele e se transformaram em dirigentes do movimento de mulheres. A relação entre o jovem partido e os distintos grupos feministas

foi muito contraditória. Ainda quando os dirigentes consideravam justas suas demandas de igualdade, criticavam os grupos feministas integrados por mulheres bem-educadas da cidade, por considerá-las pró-ocidentais, burguesas elitistas que não sabiam buscar um caminho em relação às mulheres trabalhadoras e camponesas e ignoravam a necessidade da revolução. Segundo o PCCh, estas feministas concentravam-se muito nas políticas sexuais.

A primeira ação oficial do PCCh neste campo, em resposta à crescente solidariedade das mulheres, foi criar uma secretaria da mulher no segundo congresso do partido, que ocorreu em 1922, com o objetivo de organizar e dirigir as mulheres na política revolucionária. Este departamento estava diretamente dirigido por Xiang Jingyu, uma das estudantes recrutadas por Mao Zedong⁵ em Hunan e a única mulher no Comitê Central do PCCh.

Esta organização incluía, entre seus objetivos, o direito ao voto para todos os trabalhadores e camponeses, sem distinção de sexo, proteção das mulheres e dos filhos de trabalhadores e a abolição de todas as restrições para as mulheres. Também levantavam o direito à autodeterminação no matrimônio, igualdade entre esposa e esposo, iguais direitos para votar, ter um ofício e educação. Hsing contribuiu para unir as forças de várias frações de mulheres provenientes destes grupos ao PCCh, canalizando um setor do movimento para o caminho revolucionário. Ela foi executada pelo Kuomintang em 1928 e foi lembrada como a “Avó da Revolução”.

Nestes dias precoces, a secretaria da mulher concentrou seus esforços em organizar trabalhadoras. A primeira greve de trabalhadoras aconteceu em Shanghai, em vinte e quatro fábricas de seda, em 1922, quando vinte mil mulheres pararam a produção exigindo dez horas de trabalho diárias e o aumento de salário em cinco centavos por dia. A primeira manifestação de mulheres sob a direção do partido, ocorreu em 8 de março

⁵ Mao Zedong (1893-1966), seu início na vida política foi através de sua participação no Kuomintang. Posteriormente, ingressa no Partido Comunista Chinês e foi um de seus principais dirigentes. Foi o criador da teoria do “bloco das quatro classes”: a união da classe trabalhadora, do campesinato, da burguesia e da pequena burguesia para conduzir a China a um regime democrático burguês.

de 1924, em Cantão, quando um grupo de jovens estudantes e trabalhadoras levantou as consignas: “Abaixo o imperialismo”, “Abaixo os senhores da guerra”, “Para trabalho igual, salário igual”, “Proteção para os filhos de trabalhadores e para as mulheres grávidas”, “Igualdade na educação”, “Abolição das noivas-crianças e da poligamia”, “Proibição da venda de jovens escravas para se tornarem concubinas”, “Por uma lei de proteção para a infância”. Muitas foram, então, as jovens que tomaram o caminho da revolução, ingressando no PCCh. Entre elas, estava Chen Bilan, e esta é sua história.

Floresce uma rosa no oriente

Chen Bilan nasceu em 1902, na província de Hupei. Seu avô era um proprietário de terras. Sua avó, seguindo os costumes da sociedade feudal, havia matado várias filhas recém-nascidas, porque as mulheres eram consideradas um problema e uma fonte de gastos. Seu pai foi um professor que aderiu aos ideais liberais ocidentais enquanto estudava no Japão.

Em 1921, quando tinha dezenove anos, estudava em um internato em Wuhan. Lee Han-chien, um dos fundadores do PCCh, deu uma conferência em que descreveu as diferentes posições das mulheres em distintas sociedades, desde o comunismo primitivo, passando pela sociedade feudal, o capitalismo e chegando à futura sociedade socialista. Uma de suas conclusões foi que se as mulheres desejavam a igualdade com os homens, deviam ter independência econômica. Porém, a lição mais importante foi que para conquistar a emancipação das mulheres, uma transformação profunda no sistema capitalista é um pré-requisito indispensável. Somente depois que a classe operária se tiver emancipado, as mulheres terão as condições materiais necessárias para libertarem-se de toda a opressão.

A conferência de Han-chien comoveu profundamente Chen Bilan e outras jovens estudantes, que decidiram lutar ativamente pela emancipação das mulheres. Organizou uma associação de estudantes e um clube de discussão com o objetivo de dirigir os debates no colégio, sobre a

Barbara Funes

liberdade de amar, a liberdade de escolher com quem se casar e a educação mista. Mais tarde, organizaram um grupo fora da escola chamado “Sociedade de Mulheres Leitoras”, que atraiu muitas simpatizantes. Também encabeçaram uma luta contra o diretor do colégio, porque era muito conservador e defendia o espírito das tradições feudais, censurando suas correspondências a familiares e amigos e proibindo-lhes de cortarem o cabelo. Esta luta durou cerca de um ano e acabou com a vitória das jovens estudantes.

Ao longo deste mesmo ano, Chen Bilan e muitas de suas companheiras participaram de atividades em apoio às greves operárias em Hankow, dando discursos aos grevistas para levar-lhes sua solidariedade. As estudantes tiveram um papel decisivo em organizar a manifestação de 1º de maio de 1922. Foi a maior manifestação do dia internacional dos trabalhadores até esse momento na China. Pelo papel que tiveram em sua organização, Chen Bilan e suas amigas foram recrutadas pela Juventude Socialista, a ala jovem do PCCh. Um ano depois, Chen Bilan ingressou no partido. A causa da vitória sobre o diretor de sua escola e pelo apoio ativo às greves operárias tiveram muita influência sobre outros colégios, que mais tarde permitiu somar novas forças ao PCCh, provenientes do movimento estudantil.

Em 1924, Chen Bilan foi enviada pelo PCCh à Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente, em Moscou, uma escola para formar quadros revolucionários da Internacional Comunista. Porém, em 1925, o Comitê Central do PCCh enviou um telegrama à universidade dizendo que a revolução estava se iniciando e que alguns dos estudantes mais capazes deveriam ser reenviados à China imediatamente. Assim, Chen Bilan retornou a Shanghai com sete de seus camaradas, para construir a história de um dos momentos mais heróicos e mais trágicos da classe operária internacional.

A segunda revolução chinesa

⁶ Este atraso expressava-se em traços fortemente feudais no campo, em particular, e nas relações sociais em geral, junto com um desenvolvimento industrial restrito a poucas cidades, a fragmentação do território dominado pelos senhores da guerra e a extrema dependência econômica das potências imperialistas.

Em 1924, o V Congresso da Internacional Comunista, liderado por Stalin e Bukharin chegou à conclusão de que o enorme atraso da China⁶ implicava em que as tarefas democráticas fundamentais, a unificação e a libertação nacional das cadeias do imperialismo deviam ser dirigidas pela burguesia nacional. Primeiro, devia realizar-se uma “revolução democrática”, que permitisse o desenvolvimento do capitalismo fronteiras adentro, até que se convertesse em um país capitalista pleno para que, depois, em algum momento da história, a classe operária pudesse planejar dirigir o destino do país. Para esta “revolução nacional”, afirmavam que era necessária uma aliança estratégica do proletariado com o que consideravam a ala “revolucionária” da burguesia agrupada no Kuomintang, que, neste momento, havia se distanciado em relação ao imperialismo e estava se enfrentando com os ditatoriais regimes dos senhores da guerra na zona norte do país. De acordo com seu ponto de vista, a classe operária devia compartilhar o poder com a burguesia chinesa num governo revolucionário “comum”. Assim entendiam a consigna de Lenin de “ditadura democrática de operários e camponeses”, que este havia desenvolvido no sentido contrário: a aliança do proletariado e do campesinato contra a burguesia liberal. Stalin e Bukharin, ao contrário, utilizavam-na para encobrir sua política de conciliação de classes. Em consonância com esta concepção teórico política, ordenaram a incorporação do PCCh ao Kuomintang.

Na China conviviam, assim como na Rússia, as explorações extensivas do campo e relações feudais com cidades onde floresciam as grandes indústrias, concentrando milhares de operárias e operários, como Shanghai. Estas condições objetivas junto com a existência de um jovem proletariado concentrado nas cidades faziam com que, na China, as possibilidades reais de resolver as tarefas nacionais, que eram unificação e libertação nacional, a reforma agrária e os direitos democráticos em geral, estivessem nas mãos da classe operária, como na Rússia em 1917. Esta era a opinião de Chen Bilan e de outros jovens do PCCh, como Peng Shuzhi (1895-1983, dirigente do Partido Comunista Chinês, um dos fundadores da Oposição de Esquerda na China e, mais tarde, dirigente da Quarta Internacional).

O jovem PCCh foi muito condicionado pela Internacional Comunista. Ao aceitar a ordem de se subordinar ao Kuomintang, selaram um destino trágico para a classe operária chinesa e a revolução mundial. Chen Bilan conta-nos em *“Meus Anos transcorridos com Peng Shuzhi”*, que ao haver aceitado esta ordem, os dirigentes do partido mudaram de posição e se orientaram à direita. Mao Zedong, por exemplo, em um artigo intitulado *“O Golpe de Estado de Pequim e os Mercados”*, empurrava os mercados, ou seja, a burguesia a sublevar-se e colaborar com eles em Shanghai a fim de avançar para a revolução. Quanto maior for a unidade dos mercados, mais forte será sua capacidade para dirigir as massas em todo o país e mais curto será o tempo necessário para o exército da revolução.⁷

Assim revelava o curso que tomaria nos anos por vir.

Em 1925, Chen Bilan e Peng Shuzhi decidiram viver juntos e compartilhar suas vidas dedicadas à revolução. Ela foi membro do Comitê Regional de Shanghai do PCCh e esteve no cargo da secretaria da mulher de 1925 a 1927. Junto a outras camaradas, organizaram a Federação de Mulheres de Shanghai, da qual participavam estudantes, docentes, trabalhadoras e profissionais.

Publicaram uma revista mensal chamada *Mulheres Chinesas*, da qual foi editora. Nesta publicação, explicavam como a luta pela emancipação das mulheres estava estreitamente relacionada com a libertação nacional contra o imperialismo e os senhores da guerra e como as reivindicações não poderiam ser conquistadas sem o triunfo da revolução socialista. Chen Bilan escreveu um artigo chamado *“A Revolução de Outubro na Rússia e as Mulheres Chinesas”*, publicado na mesma revista, no qual explicava que a revolução chinesa teria de seguir o caminho tomado pela Revolução Russa e - somente pela via socialista - poderiam as mulheres conquistar as condições materiais para sua verdadeira emancipação da velha sociedade.

Nesse momento, o trabalho mais importante que estavam encarando era a organização e educação de operárias em Shanghai. Havia milhares de trabalhadoras nas fábricas têxteis e nas de cigarros. Chen Bilan

⁷ Este artigo de Mao Zedong foi publicado no periódico *O guia* de 11 de julho de 1925.

e suas camaradas criaram escolas noturnas para as trabalhadoras. Tinham reuniões para discutir problemas específicos das operárias, como por exemplo, o fato de que tinham licença maternidade somente por uma semana sem gozar de remuneração e, às vezes, eram tão brutalmente exploradas que davam à luz nas próprias fábricas. Também discutiam questões concernentes ao conjunto da classe trabalhadora e à revolução socialista, assim como a necessidade de organizar sindicatos e participar de atividades revolucionárias. Ajudavam as trabalhadoras a ordenar os sindicatos das indústrias de algodão, de seda e de cigarros. Em ocasiões, fizeram manifestações de milhares de operárias sob a bandeira da Federação de Mulheres de Shanghai, nas quais houve escaramuças entre as manifestantes e a polícia e o exército.

Quando começava uma luta, as integrantes da federação colocavam-se à frente, desafiando o inimigo com as bandeiras vermelhas flamejando ao vento, demonstrando maior bravura que os homens. Através de uma entrevista publicada na *International Socialist Review*, chega-nos a voz de Chen Bilan:

Uma vez parecia que os policiais e os soldados iam iniciar a repressão armada em uma manifestação e algumas das intelectuais lhes deram discursos, tratando de convencê-los de que não reprimissem. Outras vezes, fazíamos retroceder os soldados e então as trabalhadoras nos seguiam para atacá-los. Durante a insurreição armada em Shanghai, as operárias foram responsáveis pelo transporte de armas, rifles e mensagens secretas. Nestas tarefas, muitas trabalhadoras demonstraram sua audácia e sua abnegação.⁸

Do boicote comercial contra as empresas inglesas à insurreição operária de Shanghai

Transcorria junho de 1925 quando o governo de Cantão lançou uma campanha pelo boicote comercial às companhias de origem inglesa. O que surgiu inicialmente com um simbólico “*não compre inglês*”, foi

⁸ “Women in the Chinese Revolution”, entrevista realizada por Caroline Lund a Chen Bilan.

reinterpretado pela classe operária de Shanghai que declarou uma greve geral contra as companhias inglesas. Colocando em risco suas vidas, já que a ferrovia e a marina mercante eram propriedades inglesas, os ferroviários e os marinheiros mantiveram sua luta. O movimento grevista estende-se a outras cidades importantes, como Hong Kong. Foi fonte de inspiração de toda a classe operária chinesa, incitando-a à greve e ao combate revolucionário. Inclusive organizaram os primeiros sindicatos camponeses a fim de somar forças.

O fogo estende-se às companhias e indústrias “nacionais” e os camponeses agitam-se contra os proprietários de terra. Estes significados dão por terra com toda a ilusão de conciliação de classes pacífica e cortam bruscamente o período de aliança entre o PCCh e a burguesia nacionalista. Aterrorizados pela força da classe operária, os líderes do Kuomintang conspiram para esmagar a tendência das massas.

Por sua parte, o PCCh, subordinado à direção do Kuomintang, estava impedido de realizar uma agitação independente pela consigna de reforma agrária, a única mediante a qual a classe operária poderia estabelecer uma aliança revolucionária com os camponeses.

Em 1926, o Kuomintang, dirigido por Chiang Kai-shek, preparou uma expedição militar sobre a zona do norte da China, com o fim de unificar a nação. Nesse mesmo ano, Stalin nomeia Chiang Kai-shek “presidente honorário” da Internacional Comunista. O Comitê de greve de Shanghai chamou uma paralisação geral em 19 de fevereiro de 1927: milhares de trabalhadoras e trabalhadores, artesãos e comerciantes aderiram à greve e piquetes de operários armados enfrentaram-se nas ruas de Shanghai, chegando a dominar a cidade. Porém o PCCh, por ordem de Moscou, obrigou-os a entregar as armas. As tropas nacionalistas chegam a Shanghai e, em 12 de abril de 1927, Chiang ordena a repressão. Cinco mil pessoas, entre comunistas, operários, operárias e feministas, foram fuzilados a sangue frio naquela madrugada e os corpos dos mortos e feridos foram jogados às caldeiras das locomotivas. Assim, foi derrotada a energia revolucionária da vanguarda operária e popular de Shanghai. No mesmo ano, a Internacional Comunista manchou suas mãos de sangue operário.

O Kuomintang proibiu as greves e os sindicatos. O terror estendeu-se como uma sombra pela China. Chiang Kai-shek já havia negociado a unificação com os senhores da guerra. A “revolução nacional” transformava-se em contra-revolução burguesa. A Internacional Comunista, sob o comando de Stalin, ordena, no entanto, ao PCCh para continuar no seio do Kuomintang. A diretriz é integrar-se ao novo governo junto à ala “esquerda” do Kuomintang, enfrentada com Chiang Kai-shek, no qual dirigentes do PCCh ocupam as cadeiras de Agricultura e Trabalho, inaugurando a tática de frente popular. Novamente, a burguesia “de esquerda” reprimiu duramente o movimento revolucionário. Então, uma guinada radical é iniciada por Stalin e a Internacional Comunista. Esta decreta que, o período da ditadura democrática de operários e camponeses havia passado e que estava colocada imediatamente a tomada do poder, num momento em que já se avistava o retrocesso do proletariado das cidades.

A classe operária e os comunistas de Cantão, no entanto, alçam-se em 11 de dezembro contra o Kuomintang e tomam o controle da cidade. Finalmente, o levante é derrotado, como produto do isolamento a que a mesma política anterior da Internacional Comunista havia conduzido os operários.

O surgimento da oposição de esquerda

Já em 1926, duras crises golpeavam setores do jovem PCCh. Em 20 de março deste ano, Chiang Kai-shek dá um golpe de estado em Cantão. A regional do PCCh estabelecida em Shanghai debateu profundamente as conseqüências da política do Kuomintang e propôs rediscutir a colaboração com tal partido. Os feitos recentes demonstravam claramente o caráter reacionário da burguesia e sua hostilidade manifestada em relação ao proletariado.

Peng Shuzhi, o companheiro de Chen Bilan, através de um minucioso estudo das características da China, desde a ótica do marxismo revolucionário, escreveu um artigo titulado “Se Aplica o Leninismo às Especificidades Nacionais da China?”, no qual reconhece que

Barbara Funes

A revolução chinesa é atualmente uma revolução nacional democrática, porém esta revolução não se limita em nada aos ideais nacionais e democráticos: se transforma gradualmente em uma revolução socialista. (CHEN BILAN, 1967)

Para o V Congresso da Internacional Comunista, Trotsky propôs que o PCCh se separasse do Kuomintang, a fim de que a classe operária tivesse um programa independente. Porém foi sua última intervenção pública. Stalin e seus sequazes bloquearam suas propostas, escondendo-as inclusive, ante os militantes do PCCh.

Sem ter acesso aos escritos de Trotsky e muito menos às propostas que este havia formulado com respeito à China, Peng Shuzhi, Chen Duxiu e Chen Bilan, depois do massacre de Cantão, propuseram a ruptura com o Kuomintang. A resposta foi a expulsão de Peng Shuzhi do Comitê Central. A “ala esquerda do Kuomintang” golpeou com sua “grande purga anticomunista”, em 14 de julho de 1927. Chen Duxiu renunciou ao seu cargo de secretário geral do PCCh.

Em nível de organização, a linha da Internacional Comunista não somente desarmava politicamente os militantes, mas também os expunha a risco de vida. Sob o terror do Kuomintang, os revolucionários, que dedicavam sua vida ao partido, divergiam da linha oficial e viam-se privados de recursos. Chen Bilan, seu companheiro Peng Shuzhi e sua filha de seis meses viveram momentos muito duros por defender suas convicções.

A revolução pela qual lutaram desde sua precoce juventude, a cada dia morria um pouco com o massacre dos heróicos operários e camponeses, com o assassinato de seus camaradas diante de seu olhar impotente. Quase não tinham recursos para se manter. E a direção do PCCh os mantinha em isolamento político.

Em 1929, um grupo de estudantes chegou de Moscou e teve uma longa entrevista com Peng Shuzhi. Assim, informaram-se da luta da Oposição de Esquerda na União Soviética e das análises e propostas de Trotsky sobre a segunda Revolução Chinesa. Foi assim que, sob a direção de Peng e Chen e com a colaboração de Chen Bilan, reagruparam-se os militantes que

divergiam da política aventureira que havia adotado o partido. Exigiram do Comitê Central a abertura de uma discussão para fazer um balanço da derrota da revolução e das tarefas que tinham de ser colocadas, assim como a publicação dos textos de Trotsky sobre a Revolução Chinesa.

Em dois meses, Peng Shuzhi, Chen Duxiu e Chen Bilan reuniram cinquenta revolucionários abnegados que estavam dispostos a defender e difundir a posição da Oposição de Esquerda. Publicaram uma revista chamada *O Proletariado* e um livro que incluía os principais textos elaborados até o momento por Trotsky. Em pouco tempo, um a um foram expulsos do partido por ordem da Internacional Comunista. Outros valiosos dirigentes, sobreviventes da derrota da revolução e da derrota da política do Terceiro Período⁹ se uniram à Oposição de Esquerda.

Em maio de 1931, vários dos dirigentes foram detidos pelas autoridades militares de Shanghai. Algum traidor os havia entregado. Chen Bilan, Peng Shuzhi e sua pequena filha escaparam por pouco, abandonaram seu lar e todos seus pertences para salvar suas vidas poucas horas antes da chegada das autoridades de Shanghai.

Dos direitos das mulheres sob a ditadura do DO Kuomintang

Apenas despontou a segunda Revolução Chinesa no campo, o movimento pela emancipação das mulheres foi uma faísca que acendeu uma chama muito poderosa. Quando o PCCh estabeleceu as associações de camponeses, a questão da mulher surgiu à flor da pele. Algumas mulheres foram às associações camponesas e acusaram seus esposos de oprimi-las. Outras fizeram as mesmas acusações a suas sogras. Em algumas aldeias, as associações de mulheres foram organizadas para ajudar a reajustar as relações familiares. Nos primeiros tempos, numerosos divórcios surgiram no campo, iniciados pelas mulheres.

Em 1927, o PCCh contava com sessenta mil membros

⁹ A política do Terceiro Período do Comintern consistiu em proclamar e preparar a tomada imediata do poder em momentos em que os trabalhadores continuavam sofrendo as conseqüências da derrota da segunda Revolução Chinesa.

aproximadamente. Comparado com a população total da China, era muito pequeno, mas seus militantes eram respeitados líderes de todas as organizações de massas, dos sindicatos, das organizações estudantis, das associações camponesas e das organizações de mulheres. Ante à segunda Revolução na China, tinham a possibilidade de ter um papel dirigente e a responsabilidade de brindar a classe operária com um programa que resolvesse os grandes problemas nacionais e lhe permitisse acaudilhar aos setores oprimidos da sociedade. O PCCh converteu-se na direção do movimento de mulheres assim como o resto dos movimentos que lutavam contra o imperialismo e as tradições feudais.

A política oportunista, imposta por Stalin, teve duríssimas conseqüências para a segunda Revolução Chinesa e, por causa dessa ascensão revolucionária, o movimento de mulheres foi esmagado. Não obstante, as mulheres conquistaram alguns dos direitos pelos quais tanto haviam lutado. O governo de Chiang Kai-shek foi forçado a outorgar às mulheres o direito à propriedade, a votar e à liberdade para se casar e se divorciar. Isto transformava em progressiva a burguesia chinesa e seu partido? Não. Ontem, haviam assassinado a sangue frio milhares de homens e mulheres que lutavam pela revolução. Não se tratava mais do que fechar uma frente de batalha. Por suposto que esta igualdade legal esteve longe de ser aplicada, tratava-se de concessões jurídicas meramente formais.

O PCCh, ao apostar todas as fichas em uma classe heterogênea como o campesinato e sem fazer nenhum balanço sério do custo político de sua subordinação ao Kuomintang, adiantou a dissolução de uma estratégia operária revolucionária. O campesinato sustentou a luta pelo poder político, que, neste momento, pertencia a uma aliança de classes reacionárias entre os senhores da guerra e o Kuomintang.

As mulheres entre a guerra civil e a guerra nacional

Uma importante parte do PCCh começou a colocar em questão a utilidade de sua estratégia de insurreição urbana baseada no modelo dos soviets e centrou sua atenção ao campesinato e às mulheres camponesas

em especial. A derrota da luta dos trabalhadores de Shanghai, os massacres cometidos pelo Kuomintang em Nanking, Cantão e em outros lugares, a derrota dos levantamentos em Nanchang, o levantamento da colheita de outono entre outros, todos tiveram lugar em 1927, levaram Mao Zedong, Chu Teh e outros a reunirem-se nas Montanhas Ching kang para estabelecer áreas de base cobrindo as províncias de Hunan, Kiangsi e Fukien no sudeste central da China.

A secretaria da mulher do PCCh, que defendeu os direitos das mulheres no plano teórico por um longo tempo, estava agora em condições de implementar uma política concreta depois de que o partido e o Exército Vermelho ganharam as áreas de base nas montanhas Ching kang. Contudo, por regra geral, negaram às mulheres os postos de vanguarda nos combates contra o Kuomintang e os senhores da guerra, restringindo-as a cuidar das crianças, a atender aos feridos, a cozinhar e a lavar.

Sob o terror branco, as mulheres revolucionárias, especialmente as que eram reconhecidas publicamente como comunistas, não podiam atuar legalmente. Já, antes da prisão de Peng, Chen Bilan, seu companheiro e seus dois filhos passavam grandes penúrias econômicas: tinham apenas para comer e quase nunca tinham dinheiro para pagar o bonde e então faziam todas as viagens a pé. Chen Bilan teve que enfrentar o isolamento político. Os stalinistas, para ganhar seu apoio, até lhe conseguiram trabalho. Porém, logo quando Chen Bilan lhes explicou que ela não ia renunciar às suas convicções, deixaram-na de lado.

Sob essas condições, Chen Bilan abraçou-se em um estudo sério e sistemático da questão da mulher. Entre 1933 e 1937, escreveu uma série de artigos sobre o tema, como “Uma Investigação Histórica sobre o Status da Mulher na Sociedade”, “O Sistema Familiar e a Libertação da Mulher” e “Uma Crítica do Sistema Familiar”, sob o pseudônimo Chen Pi-ung. Estes artigos foram publicados em *A Revista do Oriente*.

No dia 13 de agosto de 1937, Peng e Chen foram liberados. Peng regressou a Shanghai, onde organizaram imediatamente uma conferência de todos os militantes que restaram, incluindo os que recém haviam saído do cárcere. Resolveram apoiar a luta armada levada adiante pelo

Kuomintang contra o imperialismo japonês e realizar críticas públicas às orientações reacionárias do governo.

O PCCh disseminou o rumor de que Chen e Peng aceitaram fundos do imperialismo japonês para realizar uma campanha de desprestígio contra o governo do Kuomintang, que lhes resultava favorável. As práticas inauguradas por Stalin para destruir seus opositores começavam a ser imitadas pelos burocratas. Estes queriam armar uma provocação para que um agente do Kuomintang assassinasse Peng ou fornecer uma cobertura que lhes permitisse fazê-lo eles mesmos.

Lentamente, os trotskistas voltaram a ter influência. Em 1941, quando do ataque a Pearl Harbour, nos EUA, as tropas japonesas ocuparam Shanghai. As comunicações entre a direção central da Liga Comunista Chinesa e as regionais cortaram-se, e numerosos militantes foram presos. A maioria se viu obrigada a deixar a cidade pela repressão imposta pela ocupação japonesa. Neste período, Peng Shuzhi conseguiu um posto de docente universitário, utilizando um pseudônimo.

O Japão rendeu-se frente aos países aliados. Mao Zedong dominava grandes áreas do norte da China que agrupavam em torno de cem milhões de pessoas.

O governo de Chiang Kai-shek enfrentou a pressão das massas populares e teve que dar algumas concessões democráticas. Foi assim que os trotskistas puderam voltar a publicar um periódico sem censura. Em 1946, editaram duas revistas mensais.

O Kuomintang, por ter a confiança – pois Mao não previa a reforma agrária nas zonas dominadas pelo exército de Chiang – e, mais ainda, por ser reconhecido pelo governo de Chiang como legítimo governo da China sob a proteção do general norte americano Marshall, fez um ataque ao PCCh em seu próprio território. Isso obrigou Mao a promover a reforma agrária em todo o território chinês, desatando uma enxurrada de energia revolucionária de dezenas de milhões de camponeses que, mesmo antes que chegassem os exércitos de Mao a cada área, repartiram a terra e queimaram nas aldeias os livros de contabilidade dos agiotas. Desde o

verão de 1946 à 1º de outubro de 1949, quando o Exército Vermelho entra em Pequim, a guerra civil transformou-se em um “passeio” onde o campesinato pobre e sem-terra se rebelava não apenas contra os proprietários de terra e agiotas senão, inclusive, contra os camponeses ricos e tornava inevitável o avanço até as cidades do exército de Mao.

A terceira revolução chinesa

Em 1949, estende-se uma revolta generalizada de camponeses pobres ou diretamente sem terra, sob a direção do PCCh, organizado como exército guerrilheiro. Seu principal dirigente foi Mao Zedong, que suplicava:

Nós entendemos que a meta dessa revolução não é acabar com a burguesia em geral, senão acabar com a opressão nacional e feudal; que as medidas tomadas nesta revolução não venham a acabar, senão a proteger a propriedade privada e que como resultado desta revolução, a classe trabalhadora poderá constituir a força que conduzirá a China ao socialismo, enquanto isso o capitalismo passa a crescer durante um tempo bastante longo. ‘Terra para os pequenos proprietários’ significa a transferência da terra das explorações feudais aos camponeses, transformando a propriedade privada dos senhores feudais em propriedade privada dos camponeses, emancipados das relações feudais agrárias, permitindo, assim, a transformação de um país agrícola em industrial (ZEDONG, 1972).

O novo governo da República Popular Chinesa legaliza a reforma agrária que haviam realizado os camponeses pobres. Não obstante, por vários anos, nega-se a terminar de expropriar a burguesia nacional. Foi a nova guerra da Coreia lançada pelos Estados Unidos (1950-1953), na qual a China participa com um milhão de combatentes para assegurar sua autodefesa, que empurrou a direção maoísta a expropriar finalmente o que restava da burguesia nacional, que havia passado abertamente ao campo do imperialismo.

O exílio na europa

O Partido Comunista Revolucionário Chinês, recém nascido, realizou

um congresso de emergência para resolver como se defender dos eventuais ataques do stalinismo no poder, já que tinha claro o tratamento dado por Stalin aos trotskistas na União Soviética. Decidiram transferir o secretariado político a Hong Kong e instalar um comitê provisório em Shanghai. Por outro lado, decidiram que todos os militantes do partido e da juventude tinham que tentar integrar-se ao PCCh, à Liga das juventudes Comunistas e às distintas organizações operárias e camponesas de massas para poder apoiar e desenvolver as medidas progressivas que o PCCh adotara. Em pouco tempo, já alguns dirigentes foram encarcerados pelo regime maoísta. Chen Bilan e Peng Shuzhi, como parte do Secretariado Nacional, e sua família já estavam rumo a Hong Kong.

Após chegarem a essa cidade, retomaram a edição do periódico nacional e publicaram o livro *A Tragédia da Revolução Chinesa*, de Harold Isaacs. Chen Bilan colaborou também com a formação dos militantes de Hong Kong. Porém, já estavam sob uma insistente vigia das autoridades britânicas. Numerosos militantes foram deportados e detidos. Os trotskistas eram muito conhecidos por ter dirigido várias greves importantes. A polícia descobriu a imprensa clandestina e, em pouco tempo, conseguiram deter vários militantes. Chegaram a confiscar o domicílio de Chen Bilan e Peng Shuzhi, mas eles conseguiram escapar. Pelo aumento das perseguições, resolveram transferir o Secretariado político ao Vietnã. Em poucos meses, depois do desaparecimento de vários dirigentes trotskistas vietnamitas, eles e seus filhos deviam escolher entre uma morte segura e o exílio. Decidiram-se pelo exílio e, com a ajuda dos camaradas de Hong Kong e de outros lugares, chegaram à França.

Já instalados ali, ambos dedicaram toda sua energia ao desenvolvimento da Quarta Internacional, sendo os principais dirigentes no exílio da seção chinesa. Seu aporte ao movimento trotskista significou uma continuidade visível de quem viveu para tirar conclusões dos processos revolucionários que moldaram o marxismo. Em 1987, depois de uma vida tão sacrificada como plena, com toda sua energia dedicada à revolução socialista, Chen Bilan morreu sem ter visto o triunfo das idéias pelas quais lutou.

Apesar da repressão do regime de Mao, da censura de toda voz dissidente, da proibição de literatura do trotskismo, a voz do marxismo revolucionário como guia para a ação transformadora da sociedade tomava corpo na voz dessa jovem chinesa.

A pergunta que surge no percorrer das veredas sinuosas da vida de Chen Bilan é o que a manteve tão firme em suas convicções, se ela viu somente derrotas? Uma compreensão profunda da potencialidade revolucionária da classe operária para terminar com o sanguinário sistema capitalista. E, ao mesmo tempo, um programa para a emancipação da classe operária: a síntese de um século de luta de classes e a necessidade de forjar um partido revolucionário internacional que encarne esse programa em homens e mulheres dispostos a tudo para fazê-lo realidade.

Assim como no início do século XX, hoje a China está sendo disputada pelos grandes capitais internacionais, através de investimentos estrangeiros diretos. Com a restauração das relações capitalistas, iniciada pela burocracia no poder, este país está se convertendo em uma grande máquina feminina de escala mundial. Milhares de jovens camponesas, chegadas às cidades, trabalham nas gigantescas linhas de produção nas plantas da empresa Pou Chen. Produzem em série cem milhões de pares de calçado por ano para a *Nike*, a *Adidas*, a *Caterpillar*, a *Timberland*, a *Hush Puppies*, a *Reebok*, a *Puma* e para outras grandes marcas. Seu pagamento chega apenas a cem dólares mensais, trabalhando quase setenta horas semanais. Estas jovens dormem nas próprias empresas, devendo obedecer aos toques de recolher que impõe a classe patronal. De vez em quando, estouram os conflitos de trabalho. O incremento da exploração da classe operária chinesa e a degradação de seu nível de vida não são gratuitos: a resistência toma forma de greves e enfrentamentos com a polícia. Talvez, nesse distante país, hoje se estejam forjando as futuras operárias revolucionárias que seguirão os passos de Chen Bilan, escrevendo novas páginas no livro da história da classe operária do Oriente.

Bibliografia

Barbara Funes

- BROUÉ, Pierre. "Chen Duxiu and the Fourth International, 1937 – 1942". *Revolutionary History*, Vol.2, nº 4, 1990.
- BILAN, Chen. *Mis años transcurridos con Peng Shuzhi*, 1967. (mimeo)
- DURAND, Demain. "The birth of the Chinese Left Opposition". *Revolutionary History*, Vol. 2, nº 4, 1983.
- MORENO, Nahuel. *Las revoluciones china e indochina*. Buenos Aires: Ediciones La Verdad, 1967.
- SHUZH, Peng. "Trotskyism in China". *Revolutionary History*, Vol. 2 nº 4, 1990.
- TROTSKY, Leon. *La teoría de la revolución permanente*. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2000.
- TROTSKY, Leon. *La revolución traicionada*. Bolivia: Cruz, (s/d).
- Vários autores. *Women in the Chinese Revolution*. New Delhi: Revolutionary Publications, 2004.
- ZEDONG, Mao. *Obras*. Tomo II. Buenos Aires: Ediciones de La Paloma, 1972.

Recebido em março e aprovado em julho de 2009.